

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

CHEFIA FEMININA EM DOMICÍLIOS MONOPARENTAIS: estratégias familiares e experiências de um grupo de mulheres na Região Metropolitana de Campinas - Brasil .

Carla Sabrina Favaro.

Cita:

Carla Sabrina Favaro (2009). *CHEFIA FEMININA EM DOMICÍLIOS MONOPARENTAIS: estratégias familiares e experiências de um grupo de mulheres na Região Metropolitana de Campinas - Brasil*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/835>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Carla Sabrina Favaro
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
E-mail: csabrinaf@yahoo.com.br

CHEFIA FEMININA EM DOMICÍLIOS MONOPARENTAIS: estratégias familiares e experiências de um grupo de mulheres na Região Metropolitana de Campinas – Brasil

O presente trabalho situa-se na intersecção dos estudos de família e gênero e tem como principal objetivo apresentar alguns dados preliminares de uma pesquisa realizada com mulheres chefes de domicílio na Região Metropolitana de Campinas. O principal objetivo da pesquisa é captar as estratégias familiares dessas chefes. A investigação é norteada pela hipótese de que a chefia feminina não causa da pobreza. Nas palavras de Safa (1999, p.10), *“las unidades domésticas encabezadas por mujeres no necesariamente son las más pobres, y que cuentan con los recursos para funcionar como familias sanas e estables”*. Trata-se então de investigar que estratégias estes domicílios utilizariam para a captação de recursos de diversas ordens. A bibliografia latinoamericana tem apontado que diante da ausência do homem, várias mulheres fazem uso de sua rede de parentesco, muitas vezes estendendo a família com outros membros, com o objetivo de melhorar as condições de vida de suas unidades domésticas. Dessa maneira, é de fundamental importância, analisar como esses domicílios se articulam, formando redes sociais, na tentativa de obterem benefícios nas suas comunidades.

E é nesse rico e diversificado contexto que a análise dos domicílios chefiados por mulheres se insere. O aumento da chefia feminina, segundo Safa (1999), tem sido um fenômeno mundial e em muitos países ainda é encarado como um exemplo de desorganização e queda dos valores familiares. Quando se entende que a chefia feminina é um fenômeno que engloba aspectos tanto socioeconômicos quanto culturais, pode-se entender de maneira mais clara seu crescimento (Safa, 1999). Nesse sentido, destacar a diversidade dos arranjos domiciliares possíveis, além de ajudar a criar uma visão equilibrada das motivações e circunstâncias da chefia feminina, poderia criar uma maior tolerância a esse tipo de arranjo, que ainda é visto como uma minoria indesejável e anômica.

Berquó (2002, p. 246) traçou o perfil da chefia feminina no Brasil e concluiu que esse tipo de chefia pode englobar:

“Mulheres solteiras, separadas ou viúvas com filhos, tendo ou não parentes/agregados em casa; mulher solteira, separada ou viúva, sem filhos morando em casa, ou porque não os teve, ou porque adultos, já saíram de casa ou já faleceram, tendo ou não parentes e/ou agregados vivendo no domicílio; mulher solteira, separada ou viúva, morando sozinha, ou mulher casada chefiando a família mesmo tendo um marido ou companheiro em casa.”

Diante da possibilidade de existência de todos esses arranjos, as motivações que as mulheres encontram para chefiar seus domicílios podem estar presentes na necessidade de sustentação familiar devido a mortes, separações ou divórcios, na opção de conceber ou criar filhos sozinha, ou mesmo na vontade pessoal de viver só. (Silva e Carbonesi, 2002).

Muitos trabalhos sobre as condições dos domicílios de chefia feminina brasileiros (Bilac, 2002; Costa et. al., 2005, IBGE, 2006; Lavinias, 2006) têm mostrado que esses lugares não são os “mais pobres entre os pobres” no Brasil, e atuam como fortes rechaçadores de estereótipos, já que mostram a viabilidade desse tipo de arranjo. Entretanto, é preciso também não esquecer, como assinala Goldani (2004), que a chefia feminina além de constituir-se em maiores opções de escolhas para as mulheres, também é resultado da falta de opções para muitas. De acordo com os dados sobre o Brasil, as famílias monoparentais foram as que mais saíram da pobreza nos últimos anos, porém as desigualdades segundo cor, ciclo vital e região ainda se mantêm. Os dados mostram que viver no nordeste brasileiro, não ser branco e estar na fase de expansão do ciclo vital são fatores que trazem maiores dificuldades para as famílias monoparentais chefiadas por mulheres.

Apresentação do trabalho de campo e algumas estratégias familiares das chefes entrevistadas

O principal objetivo do trabalho é captar as estratégias familiares de mulheres chefes de domicílio que não contam com a presença de maridos ou companheiros ou seja, mulheres que vivem em arranjos monoparentais (compostos por mães e filhos com a presença ou não de outros parentes/agregados). Para a captação de dados sobre as estratégias familiares das chefes de domicílio na Região Metropolitana de Campinas, durante os meses de outubro de 2007 e junho de 2008 foram realizadas 23 entrevistas com mulheres chefes de domicílios, dessas 16 foram feitas na cidade de Campinas, 5 em Hortolândia e 2 em Sumaré.

As entrevistadas apresentam faixa etária que varia entre os 23 e os 54 anos, com forte predominância de mulheres que se declararam negras e evangélicas. Há grande predominância de mulheres que não terminaram o ensino fundamental, 14, porém, há um maior número das que terminaram o ensino médio, 6, em detrimento das que não terminaram, 4. Nenhuma mulher analfabeta foi entrevistada.

Quanto as ocupações, 8 mulheres estavam desempregadas no momento da entrevista, e 1 não trabalha. Além da ajuda de suas redes familiares e sociais, 2 das mulheres desempregadas viviam com o dinheiro da pensão alimentícia dos filhos, 2 com a pensão dos maridos falecidos, 3 com o Bolsa Família, 1 com a aposentadoria da mãe e o Bolsa Família. Grande parte delas também faz serviços esporádicos como faxinas, mas não soube precisar quanto conseguem tirar mensalmente com esses pequenos serviços. Das mulheres que trabalham, as rendas variam entre R\$ 380,00 e R\$ 1500,00. A maior parte começou a trabalhar com menos de 16 anos de idade.

O número médio de pessoas por domicílio no universo pesquisado pode ser considerado alto, 4,9 pessoas por domicílio. Esse fato pode estar atrelado ao relativamente alto número de filhos por mulher, média de 3,54, quando comparado com a média brasileira. Em se tratando de um trabalho qualitativo, esse número talvez não diga muito, mas é importante notar que há mulheres com 1 e 2 filhos como também mulheres com 6 e 9 filhos. A existência de pagamento de pensão por parte dos pais das crianças não é grande. Das 18 mulheres que não são viúvas, 12 não recebem pensão alimentícia.

As análises iniciais dos dados coletados mostram que as redes de parentesco dessas mulheres desempenham papel muito importante enquanto um recurso nos momentos de maior privação e atuam como um suporte que as chefes podem recorrer em diversos momentos. Essas mulheres apontam suas redes familiares, principalmente aquelas compostas por mães e irmãs, como elementos que no dia a dia de suas famílias e domicílios aparecem como elementos de socorro e apoio, seja material, seja no cuidado com os filhos. Todas as mulheres entrevistadas apontam pelo menos algum familiar como uma fonte de apoio. Nesse sentido, os parentes próximos das chefes aparecem como um fator de peso na articulação das estratégias dessas mulheres para a manutenção de suas famílias.

Nas palavras de uma delas,

E com a sua mãe, como é seu relacionamento com ela? Minha mãe é meu tudo. Minha mãe é a que mais me ajuda na vida, menina. **Com que ela te ajuda?** Minha mãe me dá arroz todo mês, que o arroz que eu ganho é muito ruim.... Minha mãe me dá...quando falta comida, minha mãe é que dá. **E com mais**

o que, sua mãe te ajuda? Com refeição, minha mãe também me ajuda na criação dos meus filhos também. Ela ajuda bastante na educação deles, ajuda bem mesmo. **Ajuda como?** Eles estão estudando lá perto da casa dela, então, ela ajuda, eles saíram daqui e estudam lá. À tarde, ela põe eles de novo no ônibus e retorna. Quando eles aprontam alguma coisa lá, ela que vai na escola é corrigida, entendeu. Porque eu estou trabalhando durante o dia, então, aqui, só eu que corrigio, entendeu. (Irene (nomes trocados), 35 anos, 6 filhos, cozinheira)

A literatura sobre o tema mostra que diante da ausência da figura masculina, que a participação de parentes, amigos ou vizinhos assume um grande papel na manutenção dos domicílios chefiados por mulheres, principalmente nos momentos de maiores dificuldades. Safa (1999) coloca que quando se aborda uma visão mais pluralista das organizações familiares, amplia-se a capacidade para entender como a incorporação que domicílios de chefia feminina fazem de redes de solidariedade e parentesco os transformam em unidades sociais mais idôneas, principalmente para os grupos com menos recursos, reduzindo sua pobreza e vulnerabilidade.

As redes sociais podem atuar, então, como uma espécie de amortecedor para escassez material e para as adversidades. Nas palavras de González de la Rocha (1999, p. 16),

“The importance of being part of social exchange networks enhanced. Collaboration, mutual help, exchange of favor and daily of goods and services among relatives, neighbors and friends, became fundamental ingredients for the protection of well-being. Although, as was mentioned above, both men and women participate in flows of social exchange, women’s networking became a crucial factor in daily life during the changing years of the eighties. The exchange of favours and help on a daily basis between neighbors, relatives and friends were of great relevance for these women who needed support for children care, household chores and crucial information about source of income”.

O trabalho de Molyneux (2002) é também bastante esclarecedor nesse contexto, pois mostra que na articulação de redes, homens e mulheres participam distintamente, com desvantagens para elas. Enquanto as mulheres formam redes com poucos recursos econômicos, utilizando seu espaço de tempo que não é monetizado, homens são mais propensos a atuar em redes que possibilitem vantagens econômicas. Entretanto, as diferenças entre as redes de homens e mulheres não aparecem somente quanto a sua estrutura, aparecem também quanto aos seus membros. As mulheres mantêm ligações e fazem grande uso de suas redes de parentesco e vizinhança, diferentemente do que acontece com os homens, que compartilham mais relações extra domicílio com companheiros de trabalho e de lazer (Both, 1976; Bilac, 2006).

Nos relatos coletados, os vizinhos também aparecem, porém em menor grau, como uma fonte de suporte.

E como é seu relacionamento com seus vizinhos aqui? É ótimo, hein. Tudo bem. Ela sempre vem, a gente sempre se vê de final de semana, né, mas a gente sempre conversa pra saber como ela tá, que ela

cuida do Junior (filho), aí ela pega e fala, tal. **A Ivone?** É, a Ivone. Porque a de cima, eu quase não vejo ela, que ela trabalha direto, essa moça aqui, que ela trabalhe em hospital. Quando ela passa, é “oi, oi, tá tudo bem, tá tudo bem”. Mas a maioria das vezes, eu converso com a Ivone aqui e com a da esquina.

E elas já te ajudaram com alguma coisa? Não, de alimento? **É, de alimento, de dinheiro, ou de cuidar das crianças.** Não, cuidar às vezes ela fica com o Junior, que nem eu te falei, às vezes, ela fica com o Junior. Quando dá pra alguma coisa, ela sempre me ajuda, coisa supérflua assim, “ah, Ivone, me dá um pouco...”, nessa parte ela sempre me ajuda, ela também pede pra mim, uma ajuda a outro aqui, aqui é sempre assim, sabe. Na hora, quando vai lavar roupa, “ah, Ivone, tem roupa pra lavar”, coisinha assim, só isso. (Elisângela, 37 anos, 4 filhos, auxiliar de limpeza)

Outro ponto que aparece nas entrevistas e que também se relaciona com as estratégias familiares das chefes e em que medida suas vidas e a organização de seus domicílios e cuidados com os filhos mudou após a ruptura de suas uniões. Nas palavras de alguma delas,

Quando você era casada, você passava mais dificuldade do que hoje? Passava. **É?** É, porque ele, ó, é assim, a gente fazia compra, é comprão, pro mês inteiro, aí vivia. Mas aí, por ele ser muito apegado com esse colega dele, então, ele as vezes não comprava mistura pra casa, assim, mandava pegar lá no colega. E você sabe, né, esse negócio de ficar pegando aqui, ali, e comprava as vezes de quilo em quilinho. Eu acho que hoje eu vivo melhor do que quando eu morava com ele.

Por quê? Ah, porque eu to sabendo administrar melhor o dinheiro, meu dinheiro, né. O pouco que eu ganho, to sabendo administrar. Então, mistura é o que não falta hoje, de primeiro faltava, fruta, alguma coisa também. Hoje não, hoje eu sei administrar, eu administro certinho e não falta não. (Zélia, 33 anos, 2 filhas costureira)

E de que jeito você acha que sua filha mudou, Ednalva, depois que você se separou? Ah, assim, eu acho que ficou melhor. Pelo menos agora, eu tenho mais felicidade na minha casa, mais paz. Porque antes eu não tinha paz, não tinha sossego, não tinha felicidade, não tinha nada.

Por quê? Porque, você tá deitada numa casa, saber que seu marido saiu, que podia tá com outra mulher, então, isso daí não é vida, né. Aí depois que ele foi embora, que eu assumi minhas filha, que eu assumi minha casa, sem homem dentro de casa, ficou melhor, pra mim ficou melhor. Acho melhor.

Mudou como? Eu acho que antigamente, ele que ponhava as coisas dentro de casa, o dinheiro, ele comprava o que tava faltando e o dinheiro era dele, né. O que sobrava, ia pro bolso dele, né, não vinha pro meu. Agora que eu to trabalhando, eu sei me controlar, né, eu compra as coisa pras meninas e guardo um dinheirinho. As vezes, uma doença, ir no postinho, comprar um remédio, comprar um pãozinho de manhã, né, eu não gasto com outras coisas, eu gasto com minhas filha. Eu acho que melhorou mais. Porque antes, ele queria ficar só nas farras, ficava só nas farras, e isso leva dinheiro né. Então, acho que melhorou nessa parte. (Ednalva, 27 anos, 2 filhas, babá)

Nesse sentido, a opção pela monoparentalidade pode surgir como uma forma que as mulheres encontram para ter maior autonomia. Segundo Bilac (1991) e Oliveira (1995), a possibilidade de sobrevivência da mulher sem a presença de pais, companheiros ou filhos adultos, abre a possibilidade de uma maior “autonomização”, fazendo com que elas possam formar ou encontrem outros núcleos de interesse ou redes de sociabilidade apoiadas em vínculos não conjugais. De acordo com o Cepal (2004, p.25)

(...) las jefaturas femininas pueden tener aspectos positivos, y no solo vinculados con la pobreza, como un menor sometimiento al ejercicio de la autoridad marital, una mayor autoestima por parte de la mujer, más libertad para elegir un compañero ocasional o para la constitución de una pareja, o eliminación del abuso físico y emocional, un patrón de gasto más equitativo y orientado hacia la nutrición y la educación, y acceso al apoyo social y comunitario, o sea, al capital social (Bridge Development Gender, 2001; Feijoó, 1998). Estos aspectos ayudan a debilitar el concepto de las jefaturas

femininas como sinônimo de pobreza y además muestran que la pobreza se relaciona con elementos subjetivos, ya que aun cuando estos hogares puedan ser más pobres en términos de ingreso, las mujeres jefas de hogar pueden sentirse menos vulnerables (Chant, 2003). CEPAL, 2004, p. 25.

Dessa maneira, uma análise mais aprofundada dos domicílios chefiados por mulheres também se apresenta muito importante, porque justamente mostra de maneira muito clara como, nesses contextos, a mulher não assume o papel que foi pré-definido a ela em uma sociedade com traços marcadamente patriarcais como a brasileira. Seja porque foi abandonada pelo companheiro, ou porque decidiu viver só ou somente com filhos e\ou agregados ou também porque, mesmo com a presença de um companheiro, se coloca com a principal responsável pelo seu domicílio.

Então, nesse sentido, entender como a mulheres chefes se organizam e se articulam sem a marcada autoridade masculina permitirá sem dúvida um maior entendimento das transformações que vêm ocorrendo nas famílias brasileiras.

Bibliografia consultada:

BERQUÓ, Elza. “Perfil demográfico das mulheres chefes no Brasil”. In BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. SP, FCC, Ed. 34: 2002.

BILAC, Elisabete D. “Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil”. In **Ciências Sociais Hoje**. SP, Vértice, Editora Revista dos Tribunais: 1991.

_____. **Gênero, arranjos domésticos e (in) satisfação de necessidades básicas**. NEPO - Unicamp, Campinas: 2002.

_____. “Gênero, vulnerabilidade das famílias e capital social: algumas reflexões”. In CUNHA, J. M. P. **Novas metrópoles paulistas. População, vulnerabilidade e segregação**. Campinas, NEPO/UNICAMP: 2006.

BOTH, Elisabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro, Francisco Alves: 1976.

CEPAL. “Entender a pobreza desde la perspectiva de gênero”. In **Série Mujer e Desarrollo**, 52. CEPAL-Unifem-Republica de Itália. Santiago de Chile: 2004.

COSTA, Joana. S.; PINHEIRO, Luana.; MEDEIROS, Marcelo et al. “A face feminina da pobreza: sobre-representação e femininização da pobreza no Brasil”. In **Textos para Discussão**. Brasília: IPEA, nº 1137, 2005.

GOLDANI, Ana Maria. “Brasil: desafios de las políticas para las familias”. In ARRIAGADA, Irmã e ARANDA, Verônica (orgs.). **Cambio de las familias en el marco de las transformaciones globales: necesidad de políticas públicas eficaces**. Chile, CEPAL: 2004.

GONZÁLEZ DE LA ROCHA, Mercedes. “Hogares de jefatura femenina em México: patrones y formas de vida”. In GONZÁLEZ DE LA ROCHA, Mercedes. **Divergências del modelo tradicional: hogares de jefatura femenina en América Latina**. México, Ciesas: 1999.

LAVINAS, Lena. “Atividade e vulnerabilidade: quais os arranjos familiares em risco?”. In **DADOS – Revista Brasileira de Ciências Sociais**. RJ, vol 49, nº 1: 2006.

MOLYNEUX, Maxine. "Gender and the silence of social capital: lessons from Latin America. In **Development and Change**, v. 33, nº 2: 2002.

SAFA, Helen. "Prólogo". In GONZÁLEZ DE LA ROCHA, Mercedes. **Divergências del modelo tradicional**: hogares de jefatura feminina en América Latina. México, Ciesas: 1999.

OLIVEIRA, Maria C. F. A. "Condição feminina e alternativas de organização doméstica: as mulheres sem companheiro em São Paulo". In **Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Brasília\GO: ABEP, 1995. CD-ROM

SILVA, Cleide B. da; CARBONESI, Maria A. R. M. "A mulher no contexto das políticas públicas nacionais". In **Pré-Evento Mulheres Chefes de Família**: crescimento, diversidade e políticas. Ouro Preto\MG: 2002.